

## OS DESENHOS DAS CRIANÇAS: UMA REFLEXÃO ACERCA DO REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Autor: Daniel Medeiros dos Santos; Co-autor: Esthephania Oliveira Maia Batalha; Co-autor: Alcida do Nascimento Fernandes; Orientadora: Mariangela Momo

Autor: Universidade Federal do Rio Grande do Norte - [daniricelli@hotmail.com](mailto:daniricelli@hotmail.com); Co-autor 1: Universidade Federal do Rio Grande do Norte - [esthephania@hotmail.com](mailto:esthephania@hotmail.com); Co-autor 2: Universidade Cândido Mendes [alcida@bol.com.br](mailto:alcida@bol.com.br); Orientadora: Professora adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; pesquisadora do Grupo de Estudos sobre Processos de Ensinar e Aprender na Educação Infantil (UFRN) e professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN - [marimomo@terra.com.br](mailto:marimomo@terra.com.br).

**Resumo:** A produção escrita dentro da temática dos desenhos das crianças nos aponta uma possibilidade de refletir sobre esse recurso tão utilizado na sala de aula pela maioria dos professores, acenando para contribuições significativas nos modos de compreendê-los. Nesse sentido, o artigo busca trazer uma discussão sobre os desenhos das crianças, entrelaçando o norte apresentado pelo Referencial Curricular para a Educação Infantil (RCNEI) com o pensamento de duas autoras que estudam tal temática. Essas reflexões tende a nos ajudar na busca de compreender os desenhos como artefatos da cultura infantil, promovendo um diálogo que permeia a visão de estudos ancorados com maior proximidade e desenvoltura na perspectiva sociológica. Tendo em vista que estes nos trazem uma percepção e compreensão da criança como sujeito histórico e cultural que interagem consigo, com o outro e conseqüentemente com o mundo por meio de sua percepção e imaginação.

**Palavras-chave:** Desenho, RCNEI, Criança.

### Introdução

A educação sem sombra de dúvidas é o percurso considerado mais favorável, embora nem sempre tão acessível tendo em vista o padrão de qualidade, que mais nos proporciona um avanço na sociedade, uma vez que há uma fina relação entre os sujeitos por meio do processo de ensino/aprendizagem.

Neste aspecto, muitas são as questões que merecem destaque dentro da dinâmica e dos desdobramentos da Educação para que de fato se efetive um ensino que possibilite transformações/reflexões mais sistemáticas com vistas a mudanças.



Dentro desse pensamento favorável às reflexões de alguns aspectos da rotina educativa na sala de aula, elencamos uma discussão que permeia os desenhos das crianças, já que estes ocupam espaço e tempo significativos em sua vida. Para dar sentido e cumprimento a tal finalidade, partimos do próprio documento, neste caso, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, buscando refletir sobre o que está proposto no tocante à valorização dada aos desenhos das crianças como uma atividade dentro das Artes Visuais. Compreendendo assim, como fundamental este trabalho para a educação e principalmente para a prática do professor em sala de aula.

### **Contribuições para a criação artística da criança**

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) traz uma discussão baseada em três aspectos iniciais sobre os riscos que profissionais da Educação Infantil, juntamente com toda a comunidade escolar, cometem no tocante ao papel das artes visuais nas instituições responsáveis pelo ensino.

O primeiro deles está relacionado com o entendimento de que as propostas de Artes Visuais são viáveis apenas como meros passatempos em que atividades de pintar, colar, modelar, e sobretudo desenhar, não apresentam um significado em sua aplicação.

O segundo aspecto do uso das artes visuais está interligado com as manifestações decorativas em decorrência das datas simbólicas, fazendo assim com que os próprios adultos façam boa parte do trabalho de corte e colagem, postura esta que coloca a criança em um plano secundário, uma vez que pela visão do adulto a criança ainda não consegue elaborar um produto adequado.

E um terceiro seria a utilização de folhas com desenhos já impressos, impedindo por sua vez que a criança possa atuar como sujeito criativo do processo de produção de seu próprio material. E assim acabam fazendo uso dessa forma de material impresso para ajudar na coordenação motora, relegando uma rica oportunidade de permitir à criança atuar em seu desenvolvimento artístico.

Os aspectos apresentamos anteriormente encontram-se dispostos no próprio documento, e nos ajuda com isso, alargar nossa percepção acerca da importância das artes visuais na sala de aula e sobretudo na vida da criança. Uma vez que tal documento aponta estes aspectos como sendo um caminho inverso no sentido de não contribuir para que a criança sintam-se autora de suas atividades, bem como possa alargar sua compreensão da vida por meio da arte.

É inegável que o papel da arte na vida da criança por meio da utilização de práticas orientadas pelo professor em convergência com o que propõe o Referencial, contribuirá para uma maior visibilidade da criança sobre si, elevando inclusive sua auto estima, como também possibilita que esta apresente aspectos identitários de seu meio, de seus modos de ser e de pensar a própria cultura como aspecto que atravessa a vida.

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (BRASIL, 1997, p.14).

Neste aspecto de inovação e contribuição do ensino da arte na sala de aula, merece destaque Ana Mae Barbosa, que em meados de 1980 lançou a Proposta Triangular do Ensino de Arte, a qual está sistematizada em três ações: Ler obras de arte (fruir); Fazer arte; Contextualizar arte. A autora afirma que, “a Proposta Triangular responde às nossas necessidades, especialmente a de ler o mundo criticamente.” Enfatizando ainda que esses processos não precisam seguir uma linha de hierarquia para que se efetivem.

A produção refere-se ao fazer artístico e ao conjunto de questões a ele relacionadas, no âmbito do fazer do aluno e dos produtores sociais de arte. A fruição refere-se à apreciação significativa de arte e do universo a ela relacionado. Tal ação contempla a fruição da produção dos alunos e da produção histórico-social em sua diversidade. A reflexão refere-se à construção de conhecimento sobre o trabalho artístico pessoal, dos colegas e sobre a arte como produto da história e da multiplicidade das culturas humanas, com ênfase na formação cultivada do cidadão. Os três eixos estão articulados na prática, ao mesmo tempo que mantêm seus espaços próprios. (BRASIL, 1998, p.36).

Desse modo, percebemos como é fundamental a compreensão acerca da importância do papel da arte na vida da criança. E principalmente é necessário possibilitar que as crianças possam ter um contato mais amplo com as várias formas de artes visuais presentes na escola e direcionadas por sua vez pelo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, dentre esta diversidade, enfatizamos sobretudo, o desenho.



## Metodologia

Para que realizássemos esta reflexão acerca de tão relevante temática, partimos do Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil, documento este que norteia as práticas do professor em sala de aula, bem como das pesquisas sobre estudos de duas autoras que abordam a temática, Derdyk (2014) e Gobbi (2015). Com a revisão e análise reflexiva de tais literaturas, nos foi possível apresentar reflexões significativas dentro do estudo proposto aqui.

## Os desenhos infantis na vida e na sala de aula: resultados e discussões

Pensar os desenhos da criança dentro da ótica do que aponta o RCNEI, é compreender que esta dimensão artística da criança tem um significado amplo na sua realidade de vida que transporta-se até a sala de aula sem sombra de dúvidas.

Os desenhos, como apontado pelo próprio documento, nos ajuda a compreender que estes “desde cedo, sofrem influência da cultura, seja por meio de materiais e suportes, seja pelas imagens e atos de produção artística que observa” (Brasil, 1998, p.88). E nesse sentido, conseguimos vislumbrar uma atenção maior para os desenhos das crianças pelo viés da cultura, compreendendo estes como “artefatos culturais e documentos históricos” estudado por GOBBI (2014), e enfatizando concomitantemente às crianças como sujeitos produtores de cultura e de suas identidades.

Nesta perspectiva, o Referencial comunga do pensamento da autora supracitada e conseqüentemente valoriza enfaticamente os desenhos da criança, permitindo assim, que possamos enquanto profissionais da educação e estudiosos de aspectos que permeiam a educação infantil, refletir acerca do modo como estamos lidando com as crianças e principalmente com suas produções artísticas, e neste caso, mais particularmente com os desenhos. O documento nos esclarece que:

“Embora seja possível identificar espontaneidade e autonomia na exploração e no fazer artístico das crianças, seus trabalhos revelam: o local e a época histórica em que vivem; suas oportunidades de aprendizagem; suas ideias ou representações sobre o trabalho artístico que realiza e sobre a produção de arte à qual têm acesso, assim como seu potencial para refletir sobre ela” (Brasil, 1998,p.88).

Percebemos com isso que os desenhos de fato estão permeados por aspectos relevantes que contribuem fundamentalmente para o desenvolvimento da criança em aspectos culturais, emocionais, criador, imaginativo, dentre outros. Ainda nesta perspectiva de discussão, DERDYK

(2015, p.46) nos ajuda a fazer uma relação bem objetiva e clara sobre os desenhos e que convergem para aspectos fundamentais do que dispõe o referencial, ao afirmar que “o desenho representa uma diversidade de elementos da vida”.

Neste sentido, GOBBI (2014) em seu artigo sobre os desenhos de crianças pequenas traz ressalvas importantes e que encontram-se com o disposto no documento (RCNEI), no momento onde afirma que “o desenho vincula representação e apropriação do outro enquanto se desenha, ao mesmo tempo em que toma para si, constrói e demonstra de diversos modos, diferentes culturas e as próprias culturas infantis com suas especificidades (p.152).”

Portanto, faz-se relevante entender, como vem sendo discutido aqui, que os desenhos ocupam de fato um lugar na vida da criança e principalmente na sala de aula, local este, planejado socialmente para atendê-la em seus diversos aspectos, principalmente na contribuição no que diz respeito a compreendê-la como sujeito que faz e que conta sua história, também pelas atividades artísticas, sobretudo, por meio do desenho.

Fica evidente assim, que as práticas do professor em sala de aula devem ser direcionadas por essa percepção mais abrangente sobre a dimensão do desenho na vida da criança, uma vez que GOBBI (2014) exalta a relevância do desenho ao afirmar que estes “apresentam marcantes e inventivas maneiras de expor diferentes assuntos que documentam o cotidiano da criança (p. 154)”. Acompanhando a linha de pensamento da autora, sentimos uma conotação relevante ao pensar os desenhos das crianças como atividades que documentam o cotidiano, e evidentemente percebemos quanta distância há ainda nesse pensar em relação ao olhar voltado para estes.

Diante dessa forma de perceber os desenhos, encontramos apoio no RCNEI, uma vez que este traz suas contribuições para que o professor possa nortear mais claramente sua prática em sala de aula, afirmando que “para que a criança possa desenhar, é importante que ela possa fazê-lo livremente sem intervenção direta, explorando os diversos materiais...e utilizando suportes de diferentes tamanhos e texturas, como papéis, cartolinas, lixas, chão, areia,etc. (Brasil, 1998, p.100)”.

Além dessa ação de intervir mais indiretamente e oferecer às crianças uma gama de materiais para que possa contribuir com a criação de suas produções, é fundamental que o professor, assim como orienta o RCNEI (1998), possa guardar, organizar e documentar as produções das crianças, uma vez que tal atitude valoriza e ajuda a criança em seu processo

evolutivo. Nessa ótica, GOBBI (2014) traz uma fala relevante, ao afirmar que “ ao expor acervos de desenhos provoca a conhecer a infância a partir da criança (p.155)”. Esse pensamento é importante no sentido em que coloca a criança no centro do processo, ou seja, oportunizamos a estas a visibilidade de seu lugar enquanto seres sociais.

Refletimos com isso que a formação deve possibilitar ao profissional docente um encontro com essa concepção e compreensão acerca da arte e principalmente sobre os desenhos das crianças. Talvez assim, este poderá se impregnar de uma prática mais elaborada na hora de propor atividades artísticas, e conseqüentemente qualificando ainda mais sua prática pedagógica. Concretizando neste aspecto, as reflexões e orientações trazidas pelo RCNEI como o pensamento de autores que abordam a temática, entendendo assim, sua dimensão e importância para a vida e para a aprendizagem na relação estabelecida com a escola, com o outro e com o mundo.

Os sujeitos precisam desde a educação básica ser mediados ao conhecimento de si mesmo e do mundo que os cerca, compreendendo que o homem conta sua história e/ou faz história a partir da arte. Dessa forma, estarão se tornando pessoas mais críticas e até mais conscientes de seu papel social. Corroborando com isso, Snyders (1988) ressalta que precisamos atingir o aluno como indivíduo e não somente em seu aspecto escolar.

Snyders (1988) fala de uma educação estética onde a escola deve ampliar a visão do aluno em suas produções artísticas, de modo que o trabalho em sala de aula por meio da utilização da arte leve esse aluno não a repetição, ou imitação, mas a uma autoafirmação do que ele mesmo gosta de realizar, fazendo fruir um encontro de sua verdadeira personalidade em relação às obras de arte, e principalmente que ele se afirme em seus gostos, mas sempre embasado e inspirado em grandes nomes.

Quando o professor envolve-se com a arte e suas manifestações, ele desenvolve competências para refinar sua prática pedagógica, passando assim a ter condições de valorizar as representações realizadas pelas crianças durante o seu fazer pedagógico, uma vez que segundo GOBBI (2014) “o desenho, em diferentes espaços, institucionais ou não, é considerado uma prática social, portanto, suporte de representações sociais que podemos conhecer, não as considerando como retratos da realidade (p.154)”.



A relação que a escola enquanto comunidade estabelece com obras de arte, museus, e outras manifestações culturais, desemboca em novas produções de conhecimentos, e principalmente em uma sensibilidade no tocante a vida e a valorização das produções do homem de um modo geral.

Nesse sentido, nos perguntamos: quantos desenhos durante o ano letivo vão parar na lata de lixo sem um olhar mais reflexivo por parte do professor? Sem uma tentativa de entender o que foi representado no papel? Boa parte dos professores não se ocupam deste trabalho, talvez porque ainda não conseguem compreender a dimensão do desenho ou não percebem a criança como sujeito que produz, e com isso perdem a oportunidade de conhecer melhor o seu aluno e traços de sua realidade, bem como modos de ver o mundo.

Com isso, foi possível apresentar nossas reflexões acerca do que aponta o Referencial Curricular para Educação Infantil a despeito dos desenhos. E ao relacionar tais orientações com algumas abordagens sobre o desenho, compreendemos que os desenhos das crianças são verdadeiros documentos.

Além disso, foi possível com esta investigação acerca da discussão trazida no próprio documento, em convergência com os estudos de autores como Gobbi (2015) e Derdyk (2014), enriquecer nossa percepção e defender a importância da arte e a valorização dos desenhos das crianças na sala de aula. Desenvolvendo com isso, uma maior sensibilidade no trato com as atividades artísticas, e sobretudo, na hora de conduzir à criança ao processo de desenhar.

## **Conclusão**

Há cada dia as pesquisas devem avançar e apresentar sempre discussões que possam contribuir enfaticamente para o desenvolvimento da educação e principalmente de novas práticas em sala de aula que conduzam os envolvidos no processo de ensino/aprendizagem a resultados significativos em sua vida.

Pensar, investigar e discutir sobre os desenhos das crianças neste trabalho, tendo como norte o Referencial Curricular Nacional para a Educação infantil, em convergência com outros autores, nos possibilitou perceber os desenhos como documentos históricos, como atividades impregnadas de elementos da vida de seus pequenos autores.

E isso nos ajuda a refletir incansavelmente sobre o lugar da criança, na escola e na própria sociedade. Talvez ainda há um pensamento muito forte de que a criança não sabe fazer suas atividades, de que esta não saberá manusear alguns materiais, e a discussão apresentada aqui, corrobora no sentido de que os desenhos constituem-se como atividade principal desde a mais tenra idade e possibilita sem sombra de dúvidas que as crianças representem aspectos de suas próprias vidas no papel.

Assim sendo, enfatizamos com este trabalho, a necessidade de aproveitar-se dessa atividade que é tão utilizada na sala de aula, como meio de dar visibilidade às crianças. Possibilitando que elas sintam-se importantes e utilizem o desenho enquanto atividade, como um caminho que permite serem protagonistas de sua história.

## Referências

BARBOSA, Ana Mae. **Teoria e prática da educação artística**. São Paulo: Cultrix, 1975.  
Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/103218488/Barbosa-Ana-Mae-Teoria-e-Pratica-da-Educacao-Artistica> . Acesso em: 28 set. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

DERDYK, E. 1989. **Formas de pensar o desenho**: Desenvolvimento do grafismo infantil. Porto Alegre: Zouk, 2015.

GOBBI, Marcia Aparecida. **Mundos na ponta do lápis**: desenhos de crianças pequenas ou de como estranhar o familiar quando o assunto é criação infantil. Linhas Críticas, Brasília, DF, v.20, n.41, p.147-165, jan./abril.2014.

SNYDERS, Georges. **A alegria na escola**. São Paulo: Editora Manole, 1988.